

# Quilombos acadêmicos: a re-existência de práticas ancestrais afro-brasileiras na Universidade de Brasília

**Rodrigo Maciel Ramos<sup>1</sup>**  
**João Paulo Siqueira<sup>2</sup>**  
Universidade de Brasília

**Resumo:** A análise histórica decolonial demonstra que as Universidades brasileiras atuam como instituições colonialistas promotoras da branquitude. Esse artigo busca compreender, através da trajetória de quatro estudantes negros na Universidade de Brasília, a agência dos coletivos negros enquanto uma prática de re-existência da ancestralidade negra, os aquilombamentos. A pesquisa se apoiou na epistemologia qualitativa e no método construtivo interpretativo como forma de acesso às subjetividades dos estudantes. O recorte realizado favoreceu a compreensão da afetividade como impulsionadora da construção identitária.

**Palavras-chave:** universidades; identidade negra; aquilombamento; corporeidade; saúde mental.

MACIEL RAMOS, Rodrigo; SIQUEIRA, João Paulo. **Quilombos acadêmicos: a re-existência de práticas ancestrais afro-brasileiras na Universidade de Brasília.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (17): 275-298, maio a agosto de 2021. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília. Mestre em Psicologia e Saúde pelo UniCeub (DF).

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade de Brasília. Bolsista CNPq de iniciação científica.

## Academic quilombos: the re-existence of Afro-Brazilian ancestral practices at the University of Brasília

**Abstract:** Decolonial historical analysis demonstrates that Brazilian universities act as colonialist institutions that promote whiteness. This article seeks to understand, through the trajectory of 4 black students at the University of Brasilia, the agency of black collectives as a practice of the re-existence of black ancestry, the academic marronage. The research was based on qualitative epistemology and the constructive interpretive method as a way of accessing the students' subjectivities. The cut favored the understanding of affectivity as a driver of identity construction.

**Keywords:** universities; black identity; marronage; embodiment; mental health.

## Quilombos académicos: la re-existencia de prácticas ancestrales afrobrasileñas en la Universidad de Brasilia

**Resumen:** El análisis histórico decolonial demuestra que las universidades brasileñas actúan como instituciones colonialistas que promueven la blancura. Este artículo busca comprender, a través de la trayectoria de 4 estudiantes negros de la Universidad de Brasilia, la agencia de los colectivos negros como práctica de reexistencia de la ascendencia negra, los aquilombamientos. La investigación se basó en la epistemología cualitativa y el método interpretativo constructivo como una forma de acceder a las subjetividades de los estudiantes. El corte realizado favoreció la comprensión de la afectividad como motor de construcción identitaria.

**Palabras clave:** universidades; identidad negra; aquilombamento; corporeidad; salud mental.

**E**m 2003, a Universidade de Brasília (UnB) colocou em prática o sistema de cotas para entrada de estudantes negros no Ensino Superior, o que gerou um processo de reação em cadeia que não livre de muita resistência culminou na publicação da lei 12.711/2012, de abrangência nacional, que garante a reserva de 50% das vagas em todas as instituições federais de ensino para estudantes provenientes de escolas públicas, sendo que metade dessas vagas deve ser direcionada para pessoas negras (pretos e pardos) e indígenas. Desde a implementação dessa política de ação afirmativa, foi possível observar uma crescente ampliação na diversidade racial na UnB. Em um passado mais recente, a partir de 2016, passou-se a observar a ampliação da formação de coletivos negros dentro dessa universidade.

Nesse artigo pretendemos, a partir da análise da trajetória subjetiva de 4 estudantes negros da UnB, na compreensão proposta por Tim Ingold (2021), de que as trajetórias subjetivas podem ser compreendidas como linhas que se entrelaçam, para posicionar o papel social desempenhado por esses coletivos como fator decisivo na construção identitária negra, na racialização crítica e consequentemente na promoção de saúde mental de estudantes negros.

Esse artigo se inicia com uma breve revisão histórica dos processos constituintes da Universidade enquanto instituição colonialista do projeto expansionista europeu, passando pelo contexto de sua implantação no Brasil até o momento atual em que a entrada de estudantes negros na Universidade é ampliada pelas ações afirmativas. A análise histórica de *longue durée* é um método proposto por Immanuel Wallerstein (2007) como forma de compreender como estão estruturadas as hierarquias das relações de poder e saber no mundo contemporâneo.

De forma em que se compreende que a Universidade, em um mundo globalizado, atua como um agente de dominação cultural, epistêmico e tecnológico dos países centrais nos territórios invadidos e colonizados (CARVALHO, 2006; 2018; 2020; WALLERSTEIN, 2007; GROSGOUEL, 2016), além de posicionar o homem branco ocidental como o único detentor dos verdadeiros saberes. Nesse sentido, destacamos que a realidade brasileira, embora tenha passado pela experiência colonial assim como os demais países da América Latina, possui suas especificidades (GONZÁLEZ, 1988), sobretudo na relação estabelecida com os povos da África escravizados no Brasil, o que configurou determinadas dinâmicas raciais de identidade e de expressão do racismo (MUNANGA, 2019).

Uma vez composto o cenário cultural e social hegemônico no ambiente acadêmico, segue-se a partir dos depoimentos de 4 estudantes negros da UnB, membros de diferentes coletivos negros da universidade, uma análise de suas trajetórias subjetivas desenvolvidas nesse espaço embranquecido, apresentando as dificuldades de inserção e a autossabotagem derivadas de sentir-se inapropriado ao ambiente acadêmico, situação que os leva ao adoecimento mental. O desconforto

afetivo gerado pelo choque de suas realidades de origem com o ambiente universitário eurocentrado e o sentimento de exclusão os levaram a uma peregrinação solitária em busca de espaços independentes na universidade que fossem afetivamente acolhedores aos corpos negros e polos disseminadores de epistemologias negras.

A análise das trajetórias subjetivas está pautada na centralidade da afetividade como força propulsora da construção identitária negra, uma vez que identificamos que o mal-estar gerado por sentir-se excluído no ambiente acadêmico foi anterior ao processo de racialização crítica, mais impulsionado pelas leituras das epistemologias negras e rodas de conversas oferecidas pelos coletivos. Como em grande parte das teorias que discutem identidade, ainda por influência do cartesianismo é priorizada a intelectualidade em detrimento da corporeidade, e a afetividade está relacionada à percepção sensível da realidade experienciada por um sujeito encarnado, nos inspiramos no paradigma da corporeidade de Thomas Csordas (2008), que focaliza o corpo como sujeito da cultura, como forma de ter um acesso complementar às subjetividades dos estudantes.

Essa análise das trajetórias subjetivas é desenvolvida a partir do pensamento de Tim Ingold (2021), que compreende a vida humana e não humana a partir de linhas que se cruzam e se entrelaçam formando tecidos, texturas em que as trajetórias subjetivas são compreendidas como sendo dinâmicas e plurais.

Tanto Csordas quanto Ingold são estudiosos da antropologia sensorial e compreendem que a transmissão de tradições ocorrem desde uma cultura encarnada. De forma que o encontro entre o pensamento desses dois autores se torna compatível e complementar, no sentido que, enquanto Ingold favorece mais a construção histórica do sujeito encarnado, Csordas foca mais na percepção e no posicionamento do sujeito encarnado no mundo.

Além do método construtivo-interpretativo proposto por González Rey e Mitjans (2017), essa pesquisa se apoia no conceito de subjetividade elaborado por eles, em que essa é compreendida como sendo historicamente constituída a partir da relação do indivíduo com a cultura e dos sentidos subjetivos atribuídos às suas experiências de vida, havendo influência do contexto e do papel social na produção subjetiva e considerando-se que o sujeito tanto pode ser agência como agenciado, portanto também compatível e complementar à compreensão de subjetividade enquanto linhas de Ingold e de subjetividade enquanto *embodiment* de Csordas.

O processo de racialização crítica é facilitado no encontro das linhas, corpos, dos estudantes negros com os coletivos negros universitários, entendidos aqui como uma textura afro-brasileira dentro de um ambiente colonizado e embranquecido. Os estudantes relatam uma transformação subjetiva ao perceberem que a experiência do mal-estar na universidade é uma experiência comum a todos os estudantes negros, e que o sentimento de não se sentir incluído na universidade não é causado por um desajuste pessoal, mas por uma situação derivada do racismo estrutural de uma instituição hegemonicamente ocidentalizada.

## A ascensão do universalismo científico

De 1492 ao século XIX, a invasão das Américas foi marcada por uma política colonialista em que a expansão territorial estaria autojustificada por uma suposta supremacia das etnias europeias que se sentiam herdeiras da civilização grega, inventores da filosofia humanista, e também pelo dever missionário de levar a luz de Cristo às demais etnias da orbe terrestre (DUSSEL, 1993). Wallerstein (2007)

denomina como o universalismo humanista esse momento em que em nome de uma civilização moralmente mais evoluída, os europeus se sentiram no direito de invadir, sequestrar, matar, escravizar, roubar e estuprar os povos nativos da América, e fazer o mesmo com os povos da África subsaariana, transportando-os para o outro lado do Oceano Atlântico a fim de que dedicassem suas vidas, entendidas como selvagens e inúteis, ao desenvolvimento do projeto civilizatório europeu nas Américas, e enquanto pessoas sem alma, como escravizados.

Por volta de meados do século XIX, o universalismo humanista, baseado em valores filosóficos e teológicos, saberes subjetivos, considerados falíveis, é suplantado pelo universalismo científico, baseado em saberes objetivos, considerados superiores aos subjetivos por serem mais pragmáticos e supostamente neutros (WALLERSTEIN, 2007).

Nesse novo momento, as Universidades sob influência Humboldt e Kant se reinventam, se separam da Igreja, se tornam o novo epicentro de produção de saberes, e passam a atuar como instituições colonialistas disseminadoras da epistemologia eurocêntrica (GROSFOGUEL, 2016). Nos países centrais, o novo papel pragmático das Universidades era a preparação de uma mão de obra qualificada para atuar em uma sociedade que rapidamente se industrializava e que necessitava de avanços tecnológicos para o incremento da produtividade. Com a expansão do sistema-mundo moderno, esse papel seria replicado nos distantes territórios colonizados, também como preparatórias de mão de obra qualificada de forma a pavimentar o acesso de grandes empreendimentos provenientes da Europa e Estados Unidos, e além disso para formar uma elite colonialista simpática e alinhada aos interesses ocidentais, agindo para hegemonizar o modo de vida e de organização ocidental nesses territórios.

A ação dos cientistas tornou a vida mais saudável, mais confortável e mais barata. Não é de admirar que eles tenham sido entronados como heróis civilizadores do mundo contemporâneo. O que eles dissessem era considerado expressão da Verdade, só podendo ser contestado por alguém do próprio meio. Assim, com o tempo, tornaram-se também os principais legitimadores da supremacia ocidental. “*Organizar cientificamente a humanidade é portanto – grifou o célebre Renan – a última palavra da ciência moderna, é a sua audaciosa porém legítima pretensão*”. (SILVEIRA, 1999: 92-3)

É inegável que as ciências naturais, conseguiram a partir do método científico e, à serviço do capitalismo e da acumulação de propriedades, uma evolução notável nos métodos de produção. As consequências dessa supervalorização do uso de uma ciência objetivista sem questionamentos de seus propósitos é bem conhecida nos dias atuais: a compartimentação da produção de saberes que vem levando a destruição da vida no planeta, o surgimento de uma pandemia, além de ser absolutamente estéril na diminuição das desigualdades sociais (KOPENAWA e ALBERT, 2019; KRENAK, 2019).

## Racismo acadêmico nas ciências

Se em um momento anterior, nos pressupostos do universalismo humanista, o negro era tido como um humano sem alma e por isso poderia ser escravizado, o universalismo científico renova a política colonial que justificava a tentativa de dominação mundial, a partir de teorias raciais que sustentavam a autodeclarada superioridade genética das etnias europeias e de suas culturas. E, portanto, o universalismo europeu se reatualiza no direito de intervir e a necessidade da continuidade da expansão do projeto civilizatório europeu em terras americanas e africanas, agora com uma legitimação científica, e supostamente neutra.



As populações dominadas são agregadas como mão de obra barata para o desenvolvimento do sistema-mundo moderno, o que na opinião do colonialista era a melhor opção para todas as partes envolvidas.

Outra face do universalismo científico se refere a uma hipervalorização das epistemologias eurocêntricas e o etnocídio dos povos dominados (KILOMBA, 2020). Com a ascensão do suposto universalismo científico, o único método tido como capaz de construir saberes verdadeiros, as populações não-ocidentais e seus respectivos saberes foram rebaixadas ao nível de folclore e tratados como crenças, superstições, ou consideradas danosas e por isso combatidas; o que Sueli Carneiro (2005) pontua como uma das características dos processos colonizatórios: a desvalorização do outro como fundamento para a valorização de si mesmo.

No século XIX, o racismo era uma prática institucionalizada e quase todos os cientistas eram racistas (SILVEIRA, 1999). O fato de que o modelo de ciência era tido como neutro influenciou a forma como o racismo esteve presente em todo o debate sobre raça estabelecido nesse século e até meados do século XX sem nenhuma resistência ética ou força conscienciosa que questionasse a cor de pele branca do sujeito da produção do saber como um viés a ser analisado.

As ciências biológicas, devido ao seu caráter objetivista e determinista, ganharam impulso na construção de teorias acerca das diferenças naturais entre raças, como as de Lombroso, Broca, Morton, Galton entre outros que tendo como parâmetro as dimensões anatômicas do crânio e do cérebro do homem branco, tida como a criação mais perfeita da natureza, buscavam explicar a partir da nefrologia e craniologia, a inferioridade mental e moral das populações não-ocidentais. Em seguida, em meados do século, a publicação da *Origem das espécies* coloca a teoria darwinista no centro do debate e oferece bases para que cientistas como Galton (de novo), Gobineau, Renan, Taine, Lebon, Letourneau, Spencer entre outros, proponham um uso pragmático e social da teoria da seleção natural na composição de um projeto eugênico para melhoria das populações a partir do embranquecimento das raças (SCHWARCZ, 1993/2005; TEMPESTA, ARAÚJO, e LOIOLA, 2019).

## Projeto de modernização da sociedade brasileira

Com a vinda da família real, em 1808 ao território brasileiro, dentro do intuito de aproximar o território colonizado ao mundo ocidentalizado da metrópole, tem-se início uma tentativa de instrumentalizar o país com suas próprias instituições coloniais de pesquisa, de formação superior e de estabelecimentos de caráter cultural como o museu Real, a Biblioteca, a imprensa Régia. Isso dá início a uma elite colonial mais ilustrada e antenada com as novas tendências da Europa, como a ascensão do método científico. O processo de ocidentalização da cultura brasileira a partir da vinda de instituições coloniais segue com força após a volta de Dom João. E após a declaração de independência de Dom Pedro, são abertas faculdades de direito que visavam formar uma geração de diplomados dedicados e elaborar um código adaptado à nova nação independente. Em 1938, é inaugurado o Instituto Histórico e Geográfico criado para preparar uma história oficial da nação e uma memória social brasileira (SCHWARCZ, 1993/2005), com total tendência eurocêntrica, com vistas a dar bases para a invenção de uma identidade nacional.

Após 1870, com a crescente urbanização, ampliação de institutos de pesquisa e ensino, formam-se cada vez mais grupos de intelectuais interessados em aplicar

as teorias científicas criadas na Europa para analisar a sociedade brasileira e conduzir a nação a uma nova era em que a ciência levaria ao desenvolvimento econômico acelerado (RUSSO, 1998).

Nesse contexto, a influência do racismo acadêmico e o status obtido pelos cientistas após o início do século XIX, teve grande impacto no imaginário das elites brasileiras, e marcou o projeto político de construção de uma moderna sociedade brasileira que se assemelhasse o máximo possível ao universo eurocêntrico (SCHWARCZ, 1993/2005).

Se no Brasil de outrora, o negro era útil aos interesses dessa elite, por atuar enquanto escravizado como a principal força de trabalho, e compunha uma maioria absoluta da população. Durante o decorrer do século XIX, ele passa a ser considerado por essa elite colonial como um entrave às suas pretensões modernistas e, além disso, fonte constante de medo, uma vez que cada vez mais aumentavam os ataques de escravizados aos seus senhores e às suas famílias (AZEVEDO, 2004).

Assim, o século XIX é palco de diversas discussões sobre o que passa a se chamar de o problema do negro no Brasil. Se no início do século, os emancipacionistas defendiam a integração de negros em uma sociedade unida e harmoniosa, de forma a que a sociedade fosse formada por cidadãos livres e desejosos de progredir materialmente (AZEVEDO, 2004). Após 1870, com a influência da ascensão do pensamento científico, e dos calorosos debates acerca das modernas teorias raciais criadas por insuspeitos cientistas da Europa, a elite colonial começa a imaginar um projeto de país embranquecido e habitado com o melhor material genético do mundo, o europeu.

Já em um segundo momento, que podemos localizar a partir dos anos 1850, ganhando força principalmente nos anos 1870, os emancipacionistas aderem às soluções imigracionistas e começam a buscar no exterior o povo ideal para formar a futura nacionalidade brasileira. A força de atração destas propostas imigracionistas foi tão grande que em fins do século a antiga preocupação com o destino dos ex-escravos e pobres livres foi praticamente sobrepujada pelo grande debate em torno do imigrante ideal ou do tipo racial mais adequado para purificar “a raça brasileira” e engendrar por fim uma identidade nacional. (AZEVEDO, 2004: 30)

Nesse período, o projeto eugênico teorizado nos círculos acadêmicos europeus é posto em prática no Brasil a partir de uma política de embranquecimento. Assim, é realizada uma intervenção social caracterizada pela implementação de uma discriminatória política de seleção social: o incentivo às grandes migrações europeias, a assimilação dessa mão de obra branca, com desejo de ascender socialmente, tida como disciplinada, adaptada à contratos de trabalho, prontas para o trabalho industrial e uso de aparatos tecnológicos das grandes produções agrícolas. E, portanto, dadas as representações sociais hegemônicas da época, muito mais capacitada do que a mão de obra da população negra e mestiça pobre que devido as suas condições genéticas era considerada apática, preguiçosa e incapaz de trabalhar sem que fosse forçada a isso (AZEVEDO, 2004).

Com o uso cada vez mais político das teorias raciais, as discussões mais influentes do final do século XIX e início do século XX, giram em torno de um consenso sobre a existência de uma hierarquia entre as raças, entre as classes sociais e entre os gêneros, que define com precisão, e “cientificamente” quem estaria mais apto a liderar um projeto de melhoria da sociedade, carregando o peso de conduzir negros, indígenas, mulheres, operários e camponeses a uma sociedade brasileira moderna e ocidentalizada.

Esse período coincide com as primeiras tentativas de se instituir uma universidade no Brasil, com a universidade de Manaus e universidade do Paraná, ambas abertas e extintas em poucos anos. E com contexto político da fundação da UFRJ em 1920, unindo Escola Politécnica, Escola de Medicina e Faculdade de Direito recriada em 1937 como universidade de fato, e da USP em 1934, inauguradas a partir da vinda de comissões francesas de professores (o que lhes institui o caráter de universidades eurocêntricas e colonialistas). Essas duas universidades, UFRJ e USP, seriam responsáveis pela preparação do corpo docente das demais universidades que viriam a ser criadas no Brasil (CARVALHO, 2018). Portanto o racismo acadêmico e as teorias raciais influenciaram diretamente como seriam estruturadas nossas universidades, as epistemologias ensinadas, quem poderia ocupá-las e usufruir dos espaços desses templos do verdadeiro saber (SILVEIRA, 1999).

## Cotas raciais no Ensino Superior

Mesmo após quase um século de sua instituição, as Universidades brasileiras permaneceram espaços restritos para as mesmas pessoas, de cor branca, que as ocuparam desde o seu início, fazendo jus à alcunha de torre de marfim. Desde meados do século XX não existem mais nas Universidades discussões como as geradas pelas teorias raciais do século XIX e início do século XX (SILVEIRA, 1999). No entanto isso não significa que as estruturas que moldaram a instituição universitária como locais exclusivíssimos tenham sido abaladas ou modificadas no decorrer de todo o século XX.

Desde a formação das primeiras instituições de ensino superior no século dezanove, não houve jamais um projeto, nenhuma discussão sobre a composição da elite que se diplomaria nas Faculdades de Direito, Medicina, Filosofia, Farmácia e Engenharia existentes naquela época. A atual composição racial da nossa comunidade universitária [em 2005] é um reflexo apto da história do Brasil após a abolição. (CARVALHO, 2006: 19, grifo nosso)

Talvez a única mudança verificada na composição populacional das Universidades nesse longo período que vai até 2003 quando a UnB inicia um programa político de cotas raciais, tenha ocorrido desde a metade do século XX com a gradual e massiva entrada das mulheres no sistema de ensino superior impulsionada pelas discussões de gênero e o feminismo. Chegando a haver, hoje, uma equiparação do quantitativo de mulheres no ensino superior enquanto docentes e discentes, em relação aos homens, embora em áreas segmentadas e mais valorizadas como nas *hard sciences*, elas ainda sejam minoria, o que pode ser explicado em parte, mas não completamente, pelo estereótipo de gênero (OLINTO, 2007).

Mas no tangente à racialidade, após mais de um século da abolição da escravidão, a política de instituição de cotas étnicas e raciais no ensino superior foi a primeira ação transformadora da sociedade brasileira no sentido de promover uma reparação e promoção de justiça às pessoas de pele negra, bem como de inclusão das classes sociais de baixa renda e das populações étnicas, indígenas e quilombolas (CARVALHO, 2018).

A presença massiva de estudantes brancos ensinados por professores brancos, e considerando as suas ancestralidades, todos inteiramente identificados com o universo eurocêntrico, pode ter contribuído para a forclusão de produções acadêmicas que refletissem as realidades sociais e as demandas da população negra, que é maioria no Brasil, e com a pouca capacidade de autoavaliação dos acadêmicos sobre o caráter colonialista da Universidade. Já que as Universidades



brasileiras secularmente permaneceram como polos reprodutores das epistemologias geradas nas Universidades dos países centrais, considerados os verdadeiros saberes, sem enraizamento algum nas populações negras e indígenas, ancestrais do território brasileiro (CARVALHO, 2018; 2020).

Mesmo pesquisadores negros proeminentes, como Clóvis Moura, Guerreiro Ramos, Abdias Nascimento, Edison Carneiro, não obtiveram sucesso em se inserir como professores nas Universidades brasileiras, havendo poucas exceções de cientistas sociais negros brasileiros que foram assimilados como professores e pesquisadores por essas instituições no Brasil e tiveram carreiras de destaque, como Milton Santos, Lélia Gonzalez (CARVALHO, 2006), Muniz Sodré e Beatriz Nascimento. O que contribuiu para que as discussões sobre raça e racismo nas Universidades tenham ficado em grande parte restritas a autores negros, porém estrangeiros, localizados nos países centrais, ou a autores brancos brasileiros provenientes de uma casta aristocrática, como os autores do pensamento social brasileiro que sem nenhuma conexão com o movimento negro descreviam o Brasil como uma democracia racial, um paraíso de harmonia das relações raciais.

A análise das produções intelectuais negras passadas e contemporâneas no Brasil (ALMEIDA, 1993; AZEVEDO, 2004; CARNEIRO, 2005; GONZALEZ, 2008; KILOMBA, 2020; LIMA, 2016; 2020; MUNANGA, 2019; NASCIMENTO, 2020) não deixa espaço para dúvidas de que essa apresenta uma alta qualidade, no entanto é verificável a partir das experiências pessoais dos autores e dos participantes da pesquisa de que essa bibliografia permanece restrita à círculos de pesquisadores negros e antirracistas que estando entrincheirados nas Universidades, atuam a partir de fissuras de suas estruturas colonialistas.

E assim mesmo que autores negros como Abdias Nascimento (1978/2016) e Lélia Gonzalez (1988) tenham desconstruído a ideia de uma suposta democracia racial já há algumas décadas, esses não são autores lidos e citados pelo *mainstream* das ciências sociais no Brasil. O que leva o universo acadêmico a uma atuação dúbia, em que, embora hoje em dia, o racismo acadêmico não seja mais tolerado nas Universidades, e dificilmente sejam vistos cientistas sociais que ainda defendam a validade da tese democracia racial citada por Gilberto Freyre e seus parceiros do movimento intelectual “pensamento social brasileiro”, a discussão realizada sobre implantação da política de cotas para estudantes negros não foi um processo livre de muitas resistências, tensões, e de argumentações de cientistas sociais brancos e eminentes que alegavam não haver necessidade dessa reserva de vagas, usando a mesma ideologia de Freyre, só que disfarçada, de que no Brasil a população é miscigenada e por isso não precisávamos de um sistema de cotas (CARVALHO, 2006).

A pouca participação de professores negros nas Universidades, bem como a quase inexistência de ementas nas disciplinas que incluem saberes gerados pela população negra, ou gerados a partir das epistemologias negras contribui, segundo o professor Kabengele Munanga em entrevista para Santos (2020), para a sensação de estranhamento e sentimento de exclusão que os estudantes negros sentem quando entram na Universidade, pois essa está desenraizada, e realiza uma ciência sem consciência dos problemas da sociedade na qual está inserida.

## O estudante negro na UnB e o quilombamento acadêmico

Ao se considerar a instituição universitária desde uma perspectiva decolonial, em que essas por estarem estruturadas em epistemologias eurocêntricas são agentes globais da colonialidade (WALLERSTEIN, 2007; 2020; GROSFUGUEL, 2016) e, portanto, tecnologias de subjetivação ocidental, e em específico o contexto acadêmico brasileiro explorado de forma profunda por José Jorge de Carvalho (2018; 2020). E somarmos a isso que as primeiras Universidades brasileiras surgiram no início do século XX, dentro de um contexto de promoção de uma política de embranquecimento da população brasileira, momento histórico em que por influência de um racismo presente nas teorias acadêmicas que difundia a desigualdade entre as raças (SCHWARCZ, 1993/2005), se definia que as Universidades brasileiras preparariam os jovens brancos para cargos de liderança de uma economia moderna. E que negros e indígenas seriam assimilados como forças de trabalho em postos subalternos, como mão de obra braçal. Temos que a posterior e recente entrada, forçada por lei, de estudante negros na Universidade os leva a uma encruzilhada, aceitar um posto em uma instituição pensada, preparada e gerenciada para receber apenas estudantes brancos membros das classes sociais mais bem remuneradas e assimilar o saber eurocêntrico ofertado, às custas de negar suas próprias raízes e da deterioração da saúde mental, ou aderir aos coletivos negros criados de forma autônoma, que são lugares afetivamente acolhedores aos corpos negros e às epistemologias negras, com fins de resistir e enfrentar o racismo estrutural existente nos espaços acadêmicos, com impactação na promoção da saúde mental. Nesse sentido, a estratégia de criação de coletivos negros dentro da Universidade repete o quilombamento como uma estratégia ancestral de resistência utilizada pelos negros durante o período escravagista para enfrentar a dominação do branco, que como descrita por Abdias Nascimento (2020) é constantemente reatualizada e reconfigurada na sociedade brasileira contemporânea.

### Método

Inicialmente estava prevista a realização de uma etnografia em um ou mais dos coletivos negros da UnB, no entanto devido ao contexto gerado pela pandemia de SARS-CoV-2, e a necessidade de isolamento social, substituiu-se o trabalho de campo por entrevistas realizadas através de videoconferências com 4 estudantes que fazem parte de algum dos 15 coletivos negros listados no site do Centro de Convivência Negra (CCN)<sup>3</sup>.

Na realização das entrevistas nos inspiramos na epistemologia qualitativa e no método construtivo interpretativo de González Rey e Mitjans (2017) pretendendo que as entrevistas nos levasse para além do simples acesso às informações contidas nas suas narrativas, de modo que durante as entrevistas, realizadas em 2 momentos, foram feitas intervenções em seus discursos, induzindo-as a se tornarem momentos de debate, em que os sujeitos participantes eram incentivados a refletir junto com o entrevistador sobre as suas trajetórias subjetivas de construção da identidade negra enquanto estudantes negros na UnB, intencionando assim que o artigo fosse confeccionado de forma colaborativa, se tornando um momento de engajamento político em prol da afirmação identitária ser estudante universitário negro. A segunda rodada de entrevistas foi realizada após a análise

<sup>3</sup> Endereço do site: <http://www.ccn.unb.br>

das gravações de áudio das primeiras entrevistas, buscando o aprofundamento de significados e sentidos subjetivos elaborados a partir dos discursos.

Nem os nomes dos sujeitos participantes, nem os cursos aos quais pertencem foram alterados, a divulgação de seus dados está autorizada pois eles e elas entendem que a construção desse artigo representa uma ação afirmativa.

## **Linhas, corpos, trajetórias subjetivas dos estudantes negros na Universidade de Brasília**

Foram convidados a fazer parte desse estudo 4 sujeitos de pesquisa, Luana é estudante de graduação em Artes Cênicas, entrou como cotista e participou dos coletivos Afroatitude<sup>4</sup>, Quilombo e Batuque. Vinícius é doutorando em Antropologia Social, tendo ingressado em Ciências Sociais na UnB pelo sistema universal, posteriormente preferiu adotar o sistema de cotas para entrada no mestrado e doutorado na UnB, participou do coletivo Zora Hurston. Bianca é psicóloga formada pela UnB e à época de sua entrada no Ensino Superior preferiu usar o sistema universal, como mestranda em Psicologia Clínica e Cultura teria preferido se utilizar das cotas como uma ação afirmativa, mas essa opção ainda não estava disponível para esse programa, sua trajetória passa pela participação na LAS-MEC, no CCN, e no Quilombo. Rodrigo é doutorando do Direito, seu acesso na pós-graduação, mestrado e doutorado na UnB, se deu via política de cotas, mas como graduando em direito entrou na faculdade particular via bolsa do Proni. Durante sua experiência enquanto estudante na UnB, fez parte do coletivo Maré e atuou junto ao CCN e no Quilombo.

Apesar de suas trajetórias serem marcadas por linhas e texturas singulares como proposto por Tim Ingold (2021), de forma que se entende que são percursos dinâmicos, plurais e marcados por diversos agenciamentos, buscaremos nesse artigo organizar suas linhas em torno dos entrelaçamentos realizados com as linhas existentes na UnB relatadas em seus depoimentos, desde a impossibilidade de entrelaçamento com as linhas tradicionais, epistemologias ocidentais, estudantes e professores brancos, até o entrelaçamento com as linhas dos coletivos negros e a consequente racialização crítica e promoção de saúde mental.

### **Entrada na universidade, choque e sofrimento**

Algo comum às suas trajetórias, linhas, é o reconhecimento precoce de que eram estudantes talentosos. Tanto Bianca, quanto Vinícius e Rodrigo foram selecionados já no ensino médio por escolas conceituadas em suas cidades natais, respectivamente Brasília, Formosa e Teresina. Luana é um caso que se diferencia dos demais por se tratar de um talento artístico e por ter se destacado como atriz em grupos de teatro amadores, o fato de ter obtido um dos primeiros lugares na prova de Habilidades Específicas do vestibular em Artes Cênicas é mais uma demonstração da sua vocação para interpretação dramática. Também em comum, se evidencia que todos eles se sentiram retraídos quando entraram na universidade e por se sentirem muito pouco à vontade no ambiente universitário declararam realizar com muita frequência uma autossabotagem intelectual. Realidade muito similar ao relato autoetnográfico de Silva e Costa (2021) na UNILAB, as

<sup>4</sup> Coletivo da UnB que foi tema da pesquisa de (Luiz & Costa, 2021), as quais apontaram que o Afroatitude foi um importante meio de formação sobre a temática racial, bem como uma política de permanência, no sentido subjetivo e monetário.

quais pontuaram que a imposição coercitiva do conhecimento universitário colonialista impactou negativamente o desenvolvimento intelectual e a autoconfiança em sala de aula.

O conceito de autossabotagem surge a partir da pesquisa empírica desde a fala dos próprios sujeitos da pesquisa ao relatarem suas experiências subjetivas no meio universitário, e poder ser caracterizado pelo desejo de esquivar-se de participar durante as aulas, mesmo que tivessem algo interessante a colaborar, escondendo assim suas habilidades dos demais. Sendo que, aparentemente, essa autossabotagem não é sentida por eles como algo que fosse comum aos estudantes brancos, que parecem sempre à vontade para falar sobre qualquer assunto durante as aulas, mesmo aqueles não pertinentes. Abaixo, o trecho do discurso de Rodrigo acerca de seus primeiros dias como calouro bolsista em uma faculdade particular em Teresina exemplifica como essa experiência, considerada como sendo algo muito especial, aparentemente era algo não tão marcante para um estudante branco da classe alta que tem sua inserção em um curso superior garantida pelas boas condições socioeconômicas da família.

*Eu lembro das cenas dos primeiros dias, né? Eu era cabeça raspada, porque é tradição né? Você raspar a cabeça quando passa no vestibular, então era meio estranho você se sentir assim é... parecia que eu era o único que estava muito feliz de estar ali ou surpreendido de estar ali, enfim e aí as formas de a gente se relacionar dentro desses espaços acabam sendo aquela ideia da superação. Então... que isso é importante para nossa sobrevivência, mas que de algum modo impregna na gente, e uma ideia de superativo de força ou de fortaleza imensurável e que nada vai lhe derrubar né? E eu acho isso ruim de algum modo porque desumaniza a gente, então essa experiência muito forte no início acho que nos 2 primeiros períodos foi muito marcante assim, de não poder errar, não poder ... de ter medo de intervir na sala de aula. Então, eu tinha essa dimensão, assim de que não queria aparecer, de querer me esconder enfim.*

Essa cobrança que Rodrigo fazia de si mesmo de se esforçar para apresentar uma produção intelectual que estivesse à altura do ambiente acadêmico, imaginado como um lugar frequentado apenas por pessoas ilustres, enquanto, ao mesmo tempo, deprecia suas próprias qualidades, pode ser uma experiência comum entre estudantes universitários e por si só é geradora de ansiedade e de sofrimento. Seria de se esperar que estudantes provenientes de classes sociais menos favorecidas também enfrentassem esse tipo de dificuldades em ambientes elitizados, dado o contexto discriminatório configurado pela sociedade em que se valoriza pessoas das classe sociais mais abastadas, e que não por acaso, como descrito na primeira parte do texto, são em sua maioria brancas (FRANÇA e TOSTES, 2021).

No entanto, mesmo que todos os participantes da pesquisa sejam negros e provenientes das classes sociais menos favorecidas, três deles, Bianca, Vinícius e Rodrigo, já estudavam em escolas elitizadas como bolsistas, e nem por isso experimentaram a autossabotagem intelectual nessas escolas, pelo contrário, eram tidos como alunos destaques em suas turmas. Assim, essa situação pode ser entendida como algo que é típico do ambiente universitário e também como decorrente das mudanças das dinâmicas pedagógicas entre ensino médio e superior. Geralmente no meio acadêmico, sobretudo nas ciências humanas e sociais, se incentiva em maior intensidade a reflexão dos conteúdos e a participação do estudante como produtor de saber. É nesse momento da produção do saber que transparece o sentimento de rejeição ao corpo negro no ambiente universitário, por esse ter sido historicamente constituído e configurado para receber somente estudantes brancos para atuar como os atores principais do palco acadêmico.

Como citamos anteriormente, toda a estrutura dos saberes ensinados nas Universidades são brancos, desde os professores até os autores canônicos. A recente presença negra massiva na universidade, gerada pelas ações afirmativas, ainda é sentida como algo alienígena a esse sistema educacional. Como afirma Carvalho (2018, 2020) a UnB nunca questionou seriamente a origem de sua cultura institucional, nem propôs ações para repensar as suas práticas, nesse sentido, a forma como foi configurada historicamente dificulta que o estudante negro seja reconhecido como inteligente, talentoso e consiga visibilidade acadêmica.

No Brasil, o racismo, como afirma Gonzalez (1984), é escamoteado, denegado, tratado como se não existisse, e sendo um assunto pouco discutido no meio acadêmico e fora dele, gera o agravante de não permitir que o estudante negro possa refletir sobre como esse racismo está institucionalizado na sociedade brasileira e possa criar recursos subjetivos para lidar com isso, tendendo, dessa forma, a introjetá-lo. Assim, mesmo que anteriormente esse grupo de estudantes se afirmasse pelo alto desempenho escolar, ou no caso de Luana em sua proficiência artística, eles declaram que ao entrar na UnB passaram a se autossabotar, ter uma atitude depreciativa de si mesmo e questionar o seu potencial intelectual, o que é algo adoecedor, como exposto no relato de Vinícius e em seguida de Luana, ao refletirem sobre a trajetória subjetiva, linha, que desenvolveram na UnB, marcada pelo sofrimento e isolamento social.

*Ah! Eu tenho algumas experiências que me marcaram muito, quando eu estava no Ensino Médio eu era o melhor aluno da turma sempre. Quando eu entrei na UnB eu senti uma dificuldade muito grande em adaptar esse novo projeto, novo modelo de ensino que é o Ensino Superior ... os 2 primeiros meses foram muito difíceis, mas foi... foi melhorando até o final do primeiro semestre, eu tava um pouco mais adaptado e eu lembro que eu, tipo eu nunca tinha a mesma visibilidade dos colegas brancos que vinham especialmente aqui de Brasília, que estudavam em escolas particulares e no Colégio Militar... Até o meio da minha graduação, basicamente até final de 2015, eu, às vezes, eu falava as coisas e as pessoas não levavam em consideração. Lembro de uma cena muito específica quando a gente estava estudando para uma prova de Teoria Antropológica 1, que a gente marcou de estudar à noite na UnB e tava lá discutindo, e um colega branco, tipo tava meio que tutoriando todo mundo e eu tive uma sacada que não lembro sobre o que que era mais... falei ah tal coisa e todo mundo falou ah é mesmo, aí ele olhou pra mim e assim tudo o que todo mundo falava ele anotava no quadro e o que eu falei ele não anotou... aí eu fiquei tipo ok... e essa foi tipo uma experiência que me marcou. E quando eu entrei no mestrado foi um outro momento muito sensível, porque eu passei em uma banca que foi uma banca meio atípica, tiveram poucos candidatos, tipo menos que o usual e a banca eliminou muita gente de cara, eles eliminaram dois terços das candidatas no ensaio etnográfico e eu fui aprovado, fui aprovado em terceiro lugar, e tipo eu comecei a ouvir várias pessoas falando que eu só tinha sido aprovado porque minha orientadora tava na banca, e por que a minha orientadora tinha lido o meu projeto, projeto não, tinha lido meu ensaio antes e enfim foi uma experiência muito violenta e eu não consegui ficar feliz como o momento merecia, porque por muito tempo não me achava digno de estar naquele espaço. Mas tipo, depois eu fui olhar, obviamente o currículo nem sempre diz muita coisa, mas eu fui comparar o meu currículo com os colegas e tipo o meu era senão o melhor, 1 dos 2 melhores da turma, e eu fiquei perguntando tipo porque que comigo tem esse tipo de acusação, o mesmo acontece com outros colegas que vêm de família acadêmica ou que os orientadores estão na banca? o problema tinha sido comigo.*

**Entrevistador-** *Nessa primeira situação, que você estava estudando pra ter... você já tinha relacionado com racismo nessa situação? Ou você tinha pensado que poderia ser outra coisa?*

*Ah eu pensei que poderia ser outra coisa porque é muito, é muito violento como as experiências racistas que a gente vive, aí sempre fica duvidando tipo ah mas será que foi racismo mesmo? Será que aquilo, foi outra coisa, foi tipo só uma falta de compreensão?*



A trajetória de Luana se dá por uma outra forma, mas resulta na mesma experiência de dificuldade em entrelaçar sua linha com as linhas que formam o tecido da UnB. No ensino médio ela frequentou escolas públicas periféricas, onde a maior parte dos estudantes eram negros, o seu autoconceito acerca de suas habilidades de interpretação foi construída por se destacar em grupos de teatro comunitário e da escola. Ao entrar na UnB, e pela primeira vez se sentir participante de um espaço quantitativamente dominado por pessoas brancas, das classes altas, sente os mesmos efeitos de autossabotagem. Nesse trecho ela comenta sobre como esse momento de entrada na universidade lhe afetou.

*Ai, muito complicado assim... foi muito... foi muito difícil, né? Porque começaram as autossabotagens literalmente, é... antes desse...antes de eu entrar na universidade tudo mais, tudo eu sempre fui uma pessoa muito corajosa, eu entendo isso agora assim uma menina muito corajosa que não tinha muito medo... muito medo do mundo, porque ainda não enxergava os seus riscos entende? E aí, quando eu entrei na universidade, eu vi esse tanto de pessoas negras... ôôô... pessoas brancas e comecei a perceber essa questão, mais assim, melhor essa questão racial, principalmente social, então foram muitas autossabotagens, muito medo de produzir, principalmente no meu curso de Artes Cênicas, em vários, vários momentos, eu não... não fui convidada para participar de projetos, de espetáculos, de produções e eram sempre as mesmas pessoas que estavam produzindo, o mesmo... o mesmo tipinho de pessoa, meninas que estudavam no Marista, que estudavam no Sigma, então veio muito essa questão assim muito... muito forte dessa autossabotagem, de ter medo... então foi muito muito complicado assim.*

Em conjunto, a trajetória dos quatro estudantes oferece subsídios para refletir a dificuldade do sujeito negro em ser reconhecido e poder atuar nos meios acadêmicos como um sujeito produtor de conhecimentos, levando-o ao isolamento social e silenciado, vítima do que Carvalho (2006) descreve como um sistema de duplo vínculo, em que o branco brasileiro constrói a imagem do negro como um ser intelectualmente inferior e esteticamente feio, isso não é algo falado, essa rejeição é sentida pelo corpo, pela negação da afetividade nos ambientes universitários, e também na ausência de discussões que se refiram a sua realidade social. Isso mina sua autoestima e o adocece. E quando o negro tenta mudar esse quadro e se afirmar socialmente como sujeito produtor do saber, trazendo temáticas que correspondam a sua realidade, o branco o ignora, quando tenta afirmar sua beleza é no máximo tratado como objeto sexual, sem que se verifique o desejo de se relacionar romanticamente com ele.

Os relatos acima de Luana e Vinícius apontam que as linhas históricas que conceberam a instituição universitária e se entrelaçam harmoniosamente formando um tecido como um mosaico, não permite, rejeita ou no mínimo dificulta bastante o entrelaçamento das linhas dos estudantes negros nesse mosaico, resultando em uma experiência que pelas palavras de Tim Ingold (2021) seria mais parecida com uma estopa, que é composta por um amontoado de linhas soltas entrelaçadas de forma caótica.

Essa dificuldade imposta ao estudante negro de ser reconhecido como potência no meio acadêmico gera um sentimento de mal-estar que é agravado quando a esse racismo denegado se soma a uma outra situação em comum relatada, o desamparo afetivo e o sentimento de solidão que caracterizam o momento de entrada na universidade, estar em um lugar sem realmente se sentir pertencente a ele. Segundo o trabalho de LIMA (2017), realizado a partir de relatos colhidos entre estudantes negros da UFPR, existe uma tendência da instituição universitária a se omitir de discutir esse tema e a silenciar as denúncias, colaborando assim com a naturalização de tal realidade e com a solidificação desses sentimentos.

Como descreve Bianca sobre o modo como afetivamente se sentia estando no meio acadêmico, em um ambiente e em uma fase da vida em que as relações afetivas são favorecidas pela liberdade, pela vontade de experimentar e de desbravar o mundo, pela necessidade de estar em grupos e ter uma vida social mais agitada, habitar esse espaço como alguém cuja subjetividade, identidade, aspirações, valores e lutas pessoais não reverberam com a de um grupo típico de estudantes universitários brancos provenientes das escolas particulares de Brasília.

*E era muito doído porque eu tinha no primeiro ano, principalmente da graduação, sentia uma solidão assim, tipo... Nossa, parecia incontornável aquilo assim, porque eu convivia e tal com todo mundo tinha vários colegas brancos com quem eu fazia trabalho e conversava e tudo mais, mas tipo... eu não tinha nenhuma afinidade para trocar coisas íntimas assim tipo de que tava sendo aquela experiência de estar naquele lugar, e eu via que tava todo mundo muito entre amigos ali, tipo tava todo mundo muito encontrado ali no espaço [...]rolou a solidão, que eu tava falando... tipo é isso assim eu tinha uma interlocução com as outras pessoas, mas não tinha nenhuma intimidade ou nenhuma identificação com aquele espaço era muito grande e muito diferente do que eu tava, tipo do que eu mesmo tinha me proposto enquanto pessoa negra, tipo que não entendia o que que era, o que que significava né? Profundamente ser negra naquele espaço assim... tipo existia um silêncio uma solidão... é... tipo um desamparo mesmo, assim essas coisas assim, um desamparo discursivo assim sobre tá lá, tipo, não tinha palavras para trocar com aquelas pessoas a língua que elas falavam apesar de ser português, era um português de outra classe... tipo, eu acho que era diferente mesmo, tipo acho que inclusive foi muito parte dessa solidão, esse processo de busca pelos coletivos.*

O trecho acima mostra que em sua percepção, os espaços sociais mais centrais da UnB, aqueles que são primeiramente acessados pelas pessoas que acabaram de entrar na universidade, geralmente são palcos em que os atores principais são as pessoas brancas, que no intervalo entre as aulas se utilizam desses espaços de maior visibilidade para estar em grupo, conversar, namorar, flertar, entrelaçar suas linhas ao mosaico. Nesse ponto, se caracteriza o racismo por denegação típico da sociedade brasileira, citado por Gonzalez (1984), em que ao negro não é interdito o acesso ou participação no grupo, mas também não lhe é dado um status de igualdade perante esse branco.

Abaixo no discurso de Luana, ela em sua sensibilidade se expressa sobre a carência afetiva que sentia ao circular pelos espaços centrais da UnB, o fato de perceber que não havia nesses locais, em que circulavam muitos jovens brancos e casais, um tratamento igualitário, o que inclui por exemplo a impossibilidade de relacionar-se romanticamente com alguém desse grupo hegemônico, o que foi um dos impulsionadores centrais de seu movimento subjetivo em busca de espaços acolhedores aos corpos negros na UnB.

*Eu acho que normalmente as pessoas negras quando entram na universidade, pelo menos no meu caso, né? Eu busquei me aproximar de pessoas que eram parecidas comigo, então foi um processo muito... ai deixa eu procurar a palavra... foi um processo muito natural né? de identificação. E o primeiro local eu não citei isso aqui, mas o primeiro local que eu tive que eu fui acolhida foi o Quilombo que fica localizado no ICC Norte que foi uma sala que foi ocupada, né? Então foi um dos primeiros onde eu... que eu frequentei e que eu recebi afeto de pessoas negras, que eu participei de rodas de conversa, que eu fiz oficinas teatrais, foi nesse espaço assim e o nome é um nome muito bonito, né? Quilombo, então era um local realmente onde toda essa questão do afeto era levada a sério, as pessoas dormiam nesse espaço, muitas pessoas que não podiam voltar para casa, muitas pessoas que tinham sido expulsas de casa, muitas pessoas que... que não estavam se sentindo bem, que não queriam assistir uma aula, elas iam pra esse espaço porque elas sabiam que lá elas iam ter conforto, que lá elas iriam se sentir seguras, então é evidente que essas espaços, eles são muito importantes né? Você estar com pessoas negras, você entender a sua condição dentro da universidade e perceber que você não tá só, que as pessoas que estão ao seu redor, elas estão ali, essa rede ela é muito importante, né? Elas estão ali também para compor*

*toda essa rede, essa rede de apoio... enfim te ajudar, te apoiar, te aconselhar, te dar afeto também. Acho que é uma questão também que pega enquanto você... você enquanto uma mulher negra, uma estudante que entrou na universidade em relação a casais, e você vê pessoas brancas o tempo todo se relacionando com pessoas brancas e recebendo afeto, de forma romântica mesmo, é uma questão que nos pega essa questão dessa solidão, dessa falta de afeto então quando você tá no meio dessas pessoas você entende que você também pode ter um amor preto, que o amor... o amor que você pode ter, ele não precisa vir de uma pessoa branca, então é o amor que... que se constrói com uma pessoa negra também e enfim muito válido, muito importante.*

Nesse trecho do discurso de Luana aparece com muita evidência o papel acolhedor que os coletivos negros, no caso o Quilombo, exercem enquanto instituições independentes e autônomas na universidade, o que será tratado com maior profundidade no tópico a seguir. Antes ainda sobre o assunto relacionamentos românticos na UnB, é interessante observar o sentido que Bianca oferece em relação ao fim de seu relacionamento com um namorado branco ter sido motivado pelo início do seu processo de racialização crítica, quando ela pára de alisar o cabelo e passa a frequentar palestras, participar dos coletivos negros e de encontros nacionais de estudantes negros.

Outro ponto que se refere a temática relacionamentos românticos na universidade, e que emerge na conversa com Luana e Bianca é marcada pela ausência da emergência desse tema na primeira entrevista dos participantes do sexo masculino, Rodrigo e Vinícius. Esse fato foi abordado durante a segunda entrevista com eles, e Vinícius relata que não tocou no assunto por sentir isso como um fracasso pessoal e Rodrigo se constrange ao falar sobre o assunto reconhecendo que não é que não exista questões que o incomodem com relação a esse assunto, mas que por ser homem tem dificuldade em se abrir e conversar sobre isso.

Considerando que eles já passaram por coletivos negros, e construíram suas identidades negras a partir de processos de racialização crítica, isso é um forte indicativo de que nesses coletivos ainda há espaço para se refletir sobre masculinidades, inclusive com as devidas intersecções no que tange à sexualidade e identidade de gênero.

## **Correndo pelas matas da UnB em busca dos quilombos**

A ausência de reflexões do sujeito branco sobre o racismo que ele mesmo perpetua, coloca o estudante negro em um emparedamento subjetivo e identitário, pois ele sofre de racismo escamoteado, sentido principalmente de forma afetiva, e a ausência de instrumentos epistêmicos que permitam nomear o compreender o racismo estrutural torna a experiência universitária geradora de sofrimento e angústia. Esse emparedamento é o principal motivador afetivo que impulsiona o jovem estudante negro a procurar pelos corredores e espaços coletivos da UnB, espaços acolhedores em que suas linhas possam se entrelaçar, como expresso na supracitada no comentário de Bianca que repetimos aqui “[...]foi muito parte dessa solidão esse processo de busca pelos coletivos” e também abaixo por Vinícius ao comentar como no mestrado é recepcionado pelo coletivo negro Zora Hurston.

*Esse coletivo foi tipo fundamental no meu ingresso no mestrado porque quando no primeiro dia do mestrado tem sempre uma aula inaugural que o coordenador, coordenadora vão explicar coisas do curso e tal, nesse dia não eu conseguia falar eu tive*

*uma crise de ansiedade tão forte que eu não conseguia falar direito, e partir do momento que eu fui me inserindo no coletivo, eu... aquele era uma espaço em que eu me sentia muito bem...é que eu me sentia acolhido, que eu poderia falar as coisas que eu queria, especialmente em um departamento que tem um histórico racista tão forte como é o departamento de Antropologia.*

De forma geral, a trajetória subjetiva, linha que se direciona até os coletivos negros aquilombados na UnB, é bastante solitária, cada um dos participantes relata o mesmo ponto de partida, sofrimento, exclusão, introjeção do racismo que gera a ansiedade, medo de se destacar e a autossabotagem. O início do processo de racialização crítica, quase inexistente no Ensino Médio, passa a acontecer a partir de encontros com outros estudantes negros na UnB e também na participação em rodas conversas em que o tema racismo é tratado de forma aberta e reconhecido como uma experiência em comum entre eles, fato verificado também nas pesquisas de Trindade (2018) e Lima (2020). De forma que pode se compreender que é a partir dos coletivos que se inicia o processo de entrelaçamento e a confecção de uma linha afro-brasileira que é capaz de deixar uma marca no mosaico universitário.

Nesses espaços coletivos são compartilhadas as epistemologias negras, textos de autores negros das ciências sociais, pouco conhecidos fora desses círculos. O acolhimento afetivo oferecido pelos aquilombamentos é, portanto, a base do processo de entrelaçamento, que leva à racialização crítica, sendo potencializado pelo acesso às ferramentas epistemológicas negras disponibilizadas a partir desses coletivos, que auxiliam o estudante a compreender a si mesmo, a sua realidade, sua identidade, e lhe oferece recursos subjetivos para tornar-se autor do seu processo de desenvolvimento subjetivo.

*Com certeza, eu acho que se não fosse por esses conhecimentos, se não fosse por esses acessos, né? Todo esse processo seria muito mais doloroso. Porque eu simplesmente não iria entender o porquê de certas coisas, então saber o porquê dessas coisas é muito importante para mim saber como lidar com essas coisas sabe? Então, eu acho que as coisas, elas simplesmente, elas doem ainda, mas não doem tanto, porque eu sei do porquê, então até a questão de você... de competição, de querer competir com pessoas brancas, de querer me comparar com elas, porque eu entendo que eu venho de um outro lugar que a minha trajetória é outra e que são muitas, muitas, muitas, muitas as... Enfim, são muitas discrepâncias, né?*

O processo de racialização crítica como citado por Luana, não livra o estudante negro do sofrimento gerado pelo choque de ser um corpo negro em um ambiente em que se valoriza a branquitude, mas entrelaça a sua linha em um mosaico que é formado por diversas linhas, de forma que se sente transformador da realidade social. Uma das consequências dessa revolução interna, se refere ao aprofundamento nas epistemologias negras e realização de pesquisas que estejam em consonância com uma realidade mais próxima da sua. Considerando que os saberes canônicos eurocêntricos formam a estrutura dos saberes acadêmicos, o estudante negro se coloca diante do desafio de ter domínio desse cânones como forma de se destacar entre os estudantes em geral, o que já poderia ser considerado algo trabalhoso, e de forma complementar se apoderar das epistemologias negras, o que pode ser considerado como um duplo trabalho enquanto acadêmico.

Apesar da rejeição ao corpo negro no ambiente universitário ainda lhe afetar e gerar sofrimento, esse estudante passa a ter consciência de que esse sofrimento tem origem no racismo estrutural, e esse sofrimento não o adoece porque ele deixa de ser somente vítima e passa a se posicionar enquanto um agente antirracista, e assim capaz de produzir múltiplos sentidos para o sofrimento gerado pelo



racismo, os utilizando como mais um aspecto motivante em seu desenvolvimento como acadêmico. O depoimento de Bianca mostra como operam subjetivamente o reforço afetivo de estudante negros pelos seus pares motivando o crescimento acadêmico e envolvimento em temas que ficam invisibilizados nos locais em que predomina a branquitude, já que a UnB não disponibiliza em suas ementas as epistemologias negras e tampouco incentiva pesquisas direcionadas para esse tema.

*De graça não... de graça eles não dão mesmo, assim o Quilombo foi um grande exemplo porque depois pelo momento forte, assim do Quilombo, a gente teve muita apresentação de TCC lá, TCCs que tipo assim... TCC é uma coisa muito deixada de canto, mas eu vejo que é onde mais tá essa produção mais criativa mais em... como que seria uma palavra boa? Tipo mais crítica mesmo, mais atenta aos problemas da realidade que é pensando numa estratificação social da universidade, quem é o pobre, quem é o periférico, quem é tipo assim o preto, ele tá lá embaixo assim, então, ele chega como terceirizado, ele chega como estudante, chega como técnico às vezes, não é? Pensando nos setores assim que a gente tem na UnB, então, chega muito de baixo e acho que o TCC acabou sendo uma via assim muito desses gritinhos, assim a galera "ah recebi um feedback bom no TCC no Quilombo! Pô! Então vou fazer um mestrado, vou organizar um mestrado", tipo assim essa capacidade de orientar e dar feedback, é muito mais presente nos espaços negros do que no espaço branco, quando um branco escuta um conhecimento desses, não ressoa para ele de uma forma de um problema social importante, de uma questão ampla, né? Que pode ter várias várias atualizações e tal. Então, acho que essa questão da produção de conhecimento, do acesso ao conhecimento acaba ficando muito vinculada à existência de corpos que desejem aquilo assim...eu vejo que no sistema da branquitude assim não existe muito espaço para esse desejo.*

O entrelaçamento com algum coletivo negro se caracteriza, portanto, pelo sentimento de pertencimento e por finalmente sentir-se bem em fazer parte de um grupo social ligado à UnB, ter sua identidade racial desenvolvida e reconhecida dentro de um movimento social que valoriza a negritude. Nesse sentido, os coletivos negros são instauradores de um mito reivindicatório de justiça e reparação social de processos violência e discriminação seculares, e que inverte a ação histórica do negro como objeto de estudo para ser o sujeito de produção de saber, em que muitas vezes as atitudes e comportamentos do branco é que são objetos de estudo. Como exemplo de mitos fundantes temos a história do CCN, local que se localiza o Afroatitude, e do Quilombo, sendo esses alguns dos primeiros coletivos negros da UnB, que são resultantes de ocupação estudantil e marcam simbolicamente e territorialmente a luta por igualdade. O mito fundante de um grupo social é capaz de mobilizar a subjetividade de seus participantes, oferecendo um caminho para que as linhas de vida dos estudantes negros seja potencializadora de uma produção acadêmica inovadora, descolonizada, e direcionando uma ação política transformadora da realidade social instituída na universidade, o *habitus* acadêmico brasileiro. Nas palavras de Bianca refletindo sobre esse processo.

*Nem chega se tornar institucional fico pensando muito no Quilombo assim, que foi essa coisa... começou com uma ocupação, né? Que reivindicavam espaço negro para além do CCN que tava alocado no espaço de almoxarifado e tal, ainda tá na verdade. E aí fiquei, e tipo assim eu já frequentava assim o CCN de uma forma muito pontual por ele ser muito afastado realmente dos lugares onde a gente tem aula e as atividades deles serem muito voltadas para os grupos que tipo tem bolsa, o Afroatitude, que é esse programa que tem lá das antigas, tipo a galera entra pega uma bolsa e produz uma pesquisa lá dentro, então uma parada bem acadêmica, nos moldes da academia. E aí foi muito doida essa coisa do Quilombo porque veio com a proposta meio de ser um espaço de convivência mesmo assim né? Tipo assim, a galera tinha essa pegada de fazer as apresentações de TCC, de mestrado e tudo mais. Mas ao mesmo tempo uma coisa muito forte com a convivência e com a reivindicação política dos espaços da negritude da universidade. Acho que isso é muito forte.*



Um indicativo da forma como atuam os coletivos negros aquilombados na UnB e o impacto positivo na autoestima dos estudantes negros pode ser observada na reflexão abaixo de Vinícius sobre o tema. Nessa está expressa como ser recebido por um coletivo negro ligado ao departamento de Antropologia impactou sua subjetividade e como o processo de transformação realizado a partir da cultura desse coletivo o levou a querer replicar essa experiência, auxiliando novos estudantes a se integrar de forma mais saudável ao ambiente acadêmico, a partir de grupos que acolhem estudantes negros e oferecem o subsídio para que construam criticamente suas identidades raciais.

*Quando eu entrei em 2018, eles fizeram questão, eles foram na Secretaria, me mandaram e-mail, pegaram nosso e-mails, mandaram para mim e falaram "olha a gente queria muito conhecer vocês e tal" e a gente fez uma primeira reunião... e teve esse momento de acolhimento, e nesse semestre a gente fez as atividades. Eles tocavam o coletivo na época e, agora eu e a Aline, que entramos em 2018 que tocamos o coletivo e enfim tem toda essa dinâmica de as pessoas entram, as pessoas saem, as pessoas dão um tempo, as pessoas voltam, e cara é muito bom poder olhar para a figura das pessoas e pensar que não são só a figura de pessoas parecidas comigo, mas são pessoas extremamente competentes, e pensar caraca eles estão aqui e eles abriram o caminho para quem esteja hoje, e eles estão fazendo o possível para que a gente (inaudível) sozinho... é... tão abrindo possibilidades para a gente dialogar e não se sentir sozinho porque sabe que foi o que eles sentiram antes... então o afeto deles e enfim foi muito bonito agora quando a gente lançou o curso e eles mandaram mensagem tipo "Cara a gente tá muito feliz, esse é um sonho que a gente tinha e vocês conseguiram realizar... isso é muito bom" então tem aquilo que nem todo mundo precisa ser amigo, né? Só porque somos todos negros, todo mundo se ama, mas poder construir relações com essas pessoas que... pessoas parecidas com a gente, pessoas que têm vidas muito parecidas com a gente, que passaram por coisas muito parecidas.*

O caso exposto por Vinícius se assemelha ao de Rodrigo, que também foi recebido por um coletivo negro ao entrar no programa de pós-graduação em direito e ter sido recepcionado por colegas negros do coletivo Maré, algo que não aconteceu para Bianca nem na graduação e nem na pós em psicologia, e tampouco para Luana na faculdade de artes cênicas, o que evidencia conforme informaram os participantes, que esses espaços de acolhimentos estão centralizados nas ciências sociais, ciência política, filosofia e direito.

Em comum, o entrelaçamento de suas linhas com os aquilombamentos formaram texturas, linhas que, unidas de forma harmoniosa formam um tecido, os levam a uma sensação de bem-estar e ao desejo de replicar e amplificar as ações afirmativas dentro dos espaços institucionais da UnB, aplicando as estratégias de aquilombamento e no aprimoramento do sistema de seleção de cotistas para pós-graduação, para que se torne livre de fraudes. E também para que, dentro de seus cursos de origem, sejam criados coletivos negros mais direcionados às suas áreas do saber, ainda, promovem ações de fortalecimento da identidade negra e a divulgação das epistemologias negras fazendo pressão para que as ementas sejam modificadas, se unindo com alguns professores sensíveis ao tema. A própria ascensão hierárquica nas universidades proporcionada pelos estudantes negros, que agora cursam mestrado e doutorado e atuam como docentes, amplia as vias de acesso à outros estudantes que ingressaram mais recentemente na UnB, gerando uma corrente. Como mostra esse exemplo de Rodrigo que junto com outros colegas pertencentes a coletivos negros pode lecionar durante seu estágio docente uma disciplina no curso de graduação em direito, que teve grande repercussão entre os estudantes negros da UnB.

*E aí a gente criou a disciplina em 2017, que foi a disciplina Direito, Relações Raciais e Diáspora Africana, que a primeira turma foi eu, o Marcos Queiroz e o Marcelo Catetano, era pra ser a Luciana Ramos mas ela tinha passado por alguns problemas pessoais, e a gente chamou o Marcelo, que na tarefa que tinha tirado, a Luciana era a responsável. E aí a gente fez a primeira turma e a gente achou que ia ser uma demanda bem, bem rápida assim tipo "ah é uma coisa de um semestre" e a gente não tinha dimensão de que ia ter continuidade e aí quando terminou as aulas.... e iniciou as matrículas e a gente divulgou e olhou assim meu deus mais de 50, que que tá acontecendo? E foi uma experiência muito boa do sentido positivo ao sentido negativo que foi do ápice da empolgação até a treta né? o conflito porque é isso né? Não vai ter conflito, né? Então foi uma experiência como docente propriamente... uma experiência autônoma como docente... não fui dar aula pra um professor, eu estava conduzindo e diferentemente conduzindo com outros colegas. Então foi uma experiência muito boa assim... Isso foi importante, depois eu participei de mais outros, mais outras duas turmas. E... 2017, 2018, 2019, aí foi quando eu assumi, o substituto e passei a ficar com as disciplinas que a coordenação me indicava.*

Quando em 2002, os professores José Jorge de Carvalho e Rita Segato apresentaram a proposição do sistema de cotas para estudantes negros na UnB, já previam que a inserção desses estudantes na comunidade acadêmica geraria uma pressão institucional para que se mudassem as epistemologias estruturantes do pensamento acadêmico, que são eurocêntricas (CARVALHO, 2006). À medida que aumentava o contingente de estudantes negros cotistas na UnB, essa previsão se mostrou verdadeira (CARVALHO, 2018, 2020). A existência dos coletivos negros gira ao redor dessa demanda, mas como vimos pelas reflexões geradas em colaboração com os estudantes, essa demanda vai além, pois não é somente ausência de epistemologias negras promotoras da intelectualidade que sufoca e adocece o estudante negro em sua experiência universitária, é também a ausência de afetividade, sentida pelos seus corpos enquanto impossibilitados de pertencer àquele lugar com o status de pensadores e produtores do saber, ou como diria Tim Ingold, a impossibilidade de entrelaçar as suas linhas no mosaico.

## **Construção identitária a partir da afetividade**

O paradigma da corporeidade (CSORDAS, 2008) se utiliza de duas vias para realizar a análise dos fenômenos culturais e superar a dicotomia mente e corpo, indivíduo e sociedade. Uma das vias utilizadas por Csordas se baseia na fenomenologia corporal de Merleau-Ponty (1964/2000), e se refere a intencionalidade do ser no mundo, a partir de uma percepção sensível da realidade que é construída através das suas experiências de vida. A outra via utilizada por Csordas é operada a partir da noção de *habitus* de Bourdieu (1980), em que se entende que é o meio social que se inscreve nos corpos a partir de sistemas de disposição, práticas e símbolos que oferecem texto e contexto para a ação dos sujeitos.

A grande contribuição que a corporeidade traz ao campo de estudos dos fenômenos sociais é apresentar que os afetos agem de forma anterior aos pensamentos, direcionando-os.

Buscamos por todo o texto apresentar exemplos que demonstrassem como os afetos foram os impulsionadores das trajetórias das linhas subjetivas dos estudantes negros na construção de suas identidades, de forma anterior ao processo de racionalização, que foi mais impulsionado pelo aceso às epistemologias negras. De forma que as informações apresentadas nos permitem concluir que existe uma espécie de *habitus* acadêmico típico das universidades brasileiras, que foi historicamente preparado para receber e formar um certo tipo de cidadãos, brancos da classe alta, futuros líderes de uma nação moderna e ocidentalizada.

Esse *habitus* constituído, branco e ocidental, permanece homogêneo por quase um século e apesar de sofrer alterações históricas relacionadas ao ingresso de mulheres, ao uso de novas tecnologias, às discussões sobre gênero e orientações sexuais, não havendo a presença de corpos negros, muito pouco se modifica no sentido de normalizar a atuação de pessoas negras como produtores de saber.

A partir de 2003, a UnB é obrigada a lidar com a inserção dos corpos de jovens negros periféricos, que possuem uma percepção de mundo resultante de linhas de vida diferentes dos sujeitos que preferencialmente formavam a comunidade estudantil. Essa situação gera um choque inicial na subjetividade dos estudantes negros, pois o *habitus* constituído lhes apresenta resistência, impossibilidade de ação e, portanto, sofrimento e aflição. No entanto, esses estudantes, em número cada vez maior, se encontram e adotam uma estratégia ancestral, aquiombamento, e uma posição política identitária negra de resistência dentro da UnB. Assim vêm forçando esse *habitus*, que era outrora homogêneo em sua branquitude, a se modificar.

## Conclusão

Ao apresentar a dificuldade de inserção dos estudantes negros no meio acadêmico, essa pesquisa se soma a outros estudos de inspiração etnográfica e/ou qualitativa, desenvolvidos recentemente na literatura brasileira, em diferentes estados e regiões (LIMA, 2016; TRINDADE, 2018; LIMA, 2020; FRANÇA e TOSTES, 2021; LUIZ e COSTA, 2021; SILVA e COSTA, 2021) apresentando diversidade nas representações de estudantes negros, com intersecções entre gênero, orientação sexual, classe social e orientação política. Em comum, esses estudos apresentam críticas a branquitude existente nos espaços acadêmicos, o que demonstra que essa não é uma realidade específica da UnB e nem do universo acadêmico brasileiro como observado por Collins e Bilge (2021). No entanto, também trazem como ampla a compreensão de que o espaço acadêmico é um local que possibilita a emancipação pessoal e a redução das desigualdades sociais, e que, portanto, deve ser criticado, mas também ocupado, cada vez mais, por pessoas negras e de classes sociais desfavorecidas.

Assim, apesar de ser importante salientar que nossas análises, longe de qualquer universalização analítica, estão posicionadas na realidade de apenas 4 dos estudantes negros da UnB. O fato de termos identificado em outros trabalhos com temas similares, relatos de experiências e resultados parecidos, nos faz concluir que essas trajetórias são expressões sintomáticas do mesmo trauma estruturante, a colonização, e que se perpetuam através da colonialidade como entendida por Balandier (1993) e Almeida (2019).

A resignificação das linhas, corpos, dos estudantes negros quando em contato com as linhas, corpos, de outros estudantes negros e as linhas epistemológicas negras que formam o tecido dos coletivos negros, nos leva a considerar que esses coletivos atuam dentro da UnB como estratégias de r(e)existência negra que repetem as práticas de aquiombamentos historicamente utilizadas pela ancestralidade afro-brasileira (NASCIMENTO, 2020). Quer sejam os quilombos rurais, ou urbanos (os candomblés) que, enquanto projetos civilizatórios afro-brasileiros, ofereceram e oferecem resistência ao projeto civilizatório português ocidental. Esses dois projetos civilizatórios, afro-brasileiro e português-ocidental, seguem em constante disputa e choque dentro do que poderia se chamar de universo cultural brasileiro, situação essa que é replicada dentro da Universidade.

Nesse sentido, considerando a formação histórica da Universidade como uma textura, tecida em forma de mosaico, que reúne e promove as linhas epistemológicas ocidentais, compreende-se que isso leva a uma situação de dicotomia entre negros e brancos, como exposta nos relatos dos quatro estudantes. No entanto, essa situação vem sendo atenuada a partir da formação de quilombos acadêmicos, que ao entrelaçar as linhas negras dentro do espaço acadêmico consegue desenhar traços nesse tecido e modificar o mosaico, forçando o surgimento de uma Universidade brasileira enraizada e com características próprias de seu território.

Recebido em 28 de abril de 2021.

Aceito em 30 de agosto de 2021.

## Referências

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. Produção Editorial LTDA, 2019.
- BALANDIER, Georges. A Noção de Situação Colonial. *Cadernos de Campo*, 3 (3): 107-131, 1993.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 2ª. Ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Les éditions de minuit, 1980.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005
- CARVALHO, José Jorge de. *Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior*. 2ª. Ed. São Paulo: Attar, 2006.
- CARVALHO, José Jorge de. “Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras”. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. pp. 79-106.

CARVALHO, José Jorge de. “O encontro de saberes nas artes e as epistemologias dos cosmos vivo”. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (Orgs.). *Universidade popular e encontro de saberes*. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 475-508.

CSORDAS, Thomas J. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

DUSSEL, Enrique. *1492—O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANÇA, Marileide Gonçalves; TOSTES, Adriele da Silva. A trajetória de jovens negros e negras na universidade: Desafios e possibilidades. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 13 (Ed. Especial): 9-36, 2021

GONZALEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS, Albertina Martínez. *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS: 223-244, 1984

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, 92 (93): 69-82, 1988.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31(1): 25-49, 2016.

INGOLD, Tim. *Une brève histoire des lignes*. Paris: Editora Zones Sensibles, 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, S. M. A. *A Permanência de Estudantes Negros (as) na Universidade Federal do Paraná: aspectos material e simbólico*. Dissertação (Mestrado) em Educação. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2016.

LIMA, Stephanie. “A gente não é só negro!”: *interseccionalidade, experiência e afetos na ação política de negros universitários*. 2020, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2020.

LUIZ, Cristiana dos Santos; COSTA, Aline Pereira da. Programa Brasil Afroatitudo como estratégia de política de inclusão sócio-racial de estudantes negras e negros. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 13 (Ed. Especial): 37-58, 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1964/2000.



MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Editora Perspectiva, 2020.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, 5 (1): 68-77, 2007.

RUSSO, Jane A. Raça, psiquiatria e medicina-legal: notas sobre a “pré-história” da psicanálise no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 4: 85-102, 1998.

SANTOS, Richard. “Intelectuais negros: uma conversa com Kabengele Munanga. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade popular e encontro de saberes*. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 69-74.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993/2005.

SILVA, Geyse Anne Souza da; COSTA, Jacqueline da Silva. Se sou, preciso dizer por que sou: A trajetória de uma mulher preta, militante e cotista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 13 (Ed. Especial): 94-111, 2021.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, 23: 87-144, 1999.

TEMPESTA, Giovana Acacia; ARAÚJO, João Paulo Siqueira de; LOIOLA, Diego Rodrigues. Revisitando conceitos antropológicos clássicos em um museu imaginado. *Cadernos de campo*, 28 (2): 47-66, 2019.

TRINDADE, Luana. *Universitários negros: acesso ao saber escolar e o processo de (re)construção da identidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.